

Influências estilísticas e sociais na variação dos possessivos em 3.^a pessoa no *corpus* D&G Natal

Mariana Lorena dos Santos Silva¹

¹Universidade Nova de Lisboa (UNL-FCSH)

Resumo

Este estudo é resultado da análise da variação linguística entre as formas possessivas SEU e DELE (e suas flexões) em Natal/RN, no final do século XX, com ênfase para os aspectos sociais e estilísticos, enquanto fatores extralinguísticos condicionantes de uso dessas variantes. Foram selecionados 40 textos orais e suas respectivas versões escritas, extraídos do *Corpus* Discurso e Gramática (D&G), e esses dados estão igualmente estratificados em modalidade da língua, gênero/sequência textual, idade/escolaridade e sexo. Verificou-se, por meio de análises quantitativas, fornecidas pelo Programa Estatístico Goldvarb, que a forma DELE(A)(S) se destacou na oralidade, nos gêneros/sequências de esfera narrativa, entre os indivíduos de menor idade/menos escolarizados, e no grupo de homens. Dentre esses fatores, o de maior influência foi com relação à modalidade da língua. E a partir das generalizações sociolinguísticas apresentadas, pode-se concluir que o fenômeno de variação entre as formas possessivas de 3.^a pessoa do singular, quanto aos fatores analisados, indicava, àquela altura, uma *variação estável* entre as variantes.

Palavras-chave: Variação sociolinguística, pronomes possessivos, terceira pessoa do singular, condicionamentos estilísticos e sociais.

Abstract

This study is the result of an analysis of the linguistic variation between the possessive forms SEU and DELE (and their inflections) in Natal/RN, at the end of the 20th century, with emphasis on social and stylistic aspects, as extralinguistic factors that condition usage. 40 oral texts and their respective written versions were selected, extracted from the *Corpus* Discurso e Gramática (D&G), and these data are equally stratified in language modality, gender/textual sequence, age/education and gender. It was verified, through quantitative analyzes provided by the Statistical Program Goldvarb, that the DELE(A)(S) form stands out in orality, in genres/sequences of the narrative sphere, among younger/less educated individuals, and among men. Among these factors, the one with the greatest influence was related to language modality. And from the sociolinguistic generalizations, it could be concluded that the phenomenon of variation between the possessive forms of the 3rd person singular, regarding the analyzed factors, indicated, at that time, a *stable variation* between the variants.

Keywords: Variationist sociolinguistics, possessive pronouns, third person singular, social and stylistic constrains.



1. Introdução

A presente produção é resultado da análise¹ da variação entre as formas possessivas SEU/SUA(S) e DELE/DELA na indicação de posse em 3.^a pessoa do singular,² na cidade de Natal/RN-Brasil,³ com ênfase para os aspectos sociais e estilísticos, e baseada em um banco de dados com textos orais e escritos, do final do século XX: o *corpus* Discurso e Gramática (conhecido como D&G Natal).

A discussão acerca das formas possessivas de 3.^a pessoa ainda não se findou, visto que a literatura aponta dados de diferentes regiões, em distintos períodos e a partir de *corpus* de estruturas diferentes. No Brasil, há trabalhos relativos ao uso de SEU e DELE em: Rio de Janeiro/RN (Silva, 1991), Belo Horizonte/MG (Rocha, 2009), Curitiba, Irati, Pato Branco e Londrina/PR (Soares, 1999), Florianópolis/SC (Sbalqueiro, 2005), Natal/RN (Silva, 2016), Alagoas/SE (Freitag, 2017), além de outras importantes contribuições como as de Castro (2006), Cunha (2007), Morais (2019), e Lopes & Guedes (2020) relevantes para a construção de atualização do estágio de variação das formas possessivas em 3.^a pessoa.

Com relação à ideia de posse no paradigma dos pronomes possessivos, tanto no português europeu (PE), quanto no português brasileiro (PB), tem-se a forma simples e a preposicionada:

- (1a) o **seu** filho
- (1b) o filho **dela**

Outro fator observado quanto ao uso das variantes SEU ou DELE é a posição da posse relativamente ao nome, pois a forma preposicionada só ocorre posposta ao referente, enquanto a forma simples pode ocorrer depois (em muito menor frequência) ou antes do nome.

Embora DELE seja considerada a forma inovadora, os itens SEU e DELE já estão presentes em textos do século XIII e XIV (Cunha, 2007). Porém, no século XVIII, a forma VOCÊ passou a ser utilizada como pronome pessoal de 2.^a pessoa (Cerqueira, 1996; Kato, 1985; Perini, 1985) e esse processo linguístico alterou não apenas a classe dos pronomes pessoais, mas também a de possessivos (Silva, 1991). Assim, sem haver elementos do contexto para deixar as relações de posse bem definidas, a substituição da forma simples pela preposicionada surge como uma estratégia de desambiguação (Menon, 1995):

- (2a) Esse advogado estava chegando ao **seu** escritório.⁴
- (2b) Esse advogado estava chegando ao escritório **dele**.

SEU/DELE e suas flexões são consideradas, nesse sentido, “formas variantes”, por serem normalmente utilizadas para a codificação do mesmo significado ou da mesma função em uma dada comunidade de fala e em um dado período de tempo (cf. Tagliamonte, 2006, 2012). E a esse conjunto de formas variantes (SEU, SEUS, SUA, SUAS, DELE, DELA) em 3.^a pessoa do singular, atribui-se o rótulo de “variável linguística”.

Conforme exemplo de oralidade a seguir, presente no D&G Natal, a variável linguística da expressão de posse em 3.^a pessoa do singular, com referência ao mesmo item lexical (chácara), alterna entre as formas simples e preposicionada:

- (5) então logo após o fuzilamento ... né ... dos dez caras lá ... houve uma retomada da França ... então a ocupação nazista foi retirada da França ... então esse cara ficou na rua ... quando ele voltou ... ele não tinha mais nada ... ele não tinha mais escritório ... ele não tinha mais

¹ Sistematização do trabalho de Mestrado da autora (Silva, 2016).

² As flexões de plural DELES/DELAS não foram consideradas, pois o referente de 3.^a pessoa do plural não gera ambiguidade com relação a 2.^a pessoa, como ocorre na variação entre SEU e DELE. Nesta pesquisa foram analisadas as formas em 3.^a pessoa do singular.

³ Natal é a capital do estado do Rio Grande do Norte (RN), localizado na região nordeste do Brasil.

⁴ Dado extraído do *Corpus* Discurso & Gramática (D&G): A língua falada e escrita na cidade de Natal (D&G Natal).



profissão ... ele não tinha mais fazenda ... a chácara **dele** lá no subúrbio ... então ele ficou desesperado ... até que ele teve uma ideia de retornar à **sua** chácara ... para ver como estava ... (Texto da oralidade, informante do sexo feminino, gênero narrativa recontada).

A partir da sistematização das variáveis em estudo, por meio de análises quantitativas, pode-se observar os padrões de distribuição em diferentes contextos de uso, ao identificar influências de naturezas linguísticas e extralinguísticas que estejam subjacentes à utilização de tais formas. Os fatores linguísticos apontam conclusões que acrescentam à discussão da variação dos possessivos. No entanto, é preciso destacar que não há cruzamento de dados na ordem linguística sobre a seleção das formas variantes neste trabalho, o que se deve à decisão de centrar e aprofundar a análise das influências estilísticas (modalidade da língua e gênero textual) e sociais (sexo, idade e escolaridade) para o fenômeno. A utilização de formas variantes pode ser influenciada não somente por fatores linguísticos, mas também e, às vezes, especialmente, por fatores sociais, como sexo, idade, escolaridade, etnia e/ou pelo estilo (cf. Labov, 2008/1972).

2. Enquadramento teórico-metodológico

Há trabalhos pioneiros, que avaliam quais os fatores linguísticos e sociais que determinam o emprego das variantes SEU e DELE (Almeida, 1993; Silva, 1982, 1984, 1991, 1998a, 1998b). Outros desconsideram esses fatores e defendem que há especialização de uso das formas (Negrão & Müller, 1996). E, ainda, trabalhos que discutem a posição estrutural das formas de possessivo (Cerqueira, 1993, 1996; Müller, 1997).

SEU é o pronome possessivo canônico na sua forma simples, na 3.^a pessoa do singular; enquanto DELE é a forma preposicionada também indicativa de posse na 3.^a pessoa do singular, porém, para alguns contextos de uso especializados: há especialização na medida em que as formas em uso ocorrem em contextos linguísticos específicos e diferentes (Hopper; Traugott, 2003). No conceito de especialização, os possessivos SEU e DELE não são equivalentes. SEU é a forma com comportamento de variável ligada à retomada de antecedentes não referenciais, entre eles, quantificadores, genéricos, indefinidos, enquanto DELE é a forma escolhida para retomar antecedentes referenciais e expressar a correferência. (Cf. Menuzzi 2003a, 2003b; Müller, 1997; Negrão & Müller, 1996).

De maneira geral, a forma DELE/DELA não é considerada como *pronome possessivo*. Alguns autores usam as nomenclaturas “construções possessivas perifrásticas” (Marcotulio et al., 2015), “de-possessivos ou possessivos preposicionados” (Castro, 2006), “forma analítica” (Rocha, 2009), “forma genitiva” (Coelho, 2020), ou sequência “de+ele” enquanto item lexical (Cunha, 2007), por exemplo.

Para Perini (1985), a substituição de *tu* e *vós* pelas formas *você* e *vocês* tornou ambíguo o pronome possessivo de 3.^a pessoa SEU. Depois, Perini (2010) e outros autores acrescentaram que DELE/DELA(S) passou a exercer a função de posse em 3.^a pessoa como estratégia de desambiguação. (cf. Cerqueira, 1996a; Galves, 1985; Kato, 1994; Silva, 1984). Da mesma maneira, a explicação para a presença de SEU/SUA(S) na 2.^a pessoa do plural carece de ser explicada pela substituição do pronome pessoal *vós* por *vocês*, e consequentemente, na alteração do possessivo *vosso* por SEUS/SUAS.

A concretização de uma mudança linguística deve levar em consideração os casos de *mudança em tempo real* ou de *mudança em tempo aparente*. Para saber se há uma mudança em tempo real, o pesquisador faz o rastreamento do processo histórico de mudança em períodos distintos da língua, e consegue averiguar, por exemplo, se a forma variante inovadora teve sua taxa de ocorrência aumentada com o passar do tempo. Já a verificação de indícios de mudança em tempo aparente envolve avaliar possíveis diferenças nos padrões de uso das formas variantes entre gerações distintas de falantes de uma mesma comunidade (cf. Labov, 1994). Os estudos sobre a *mudança em tempo aparente* são, portanto, de grande importância para a pesquisa linguística, pois deles deriva uma crescente ampliação do conhecimento quanto às motivações e os mecanismos da mudança (Bailey, 2004).



Todavia, há, naturalmente, muitos casos de variação em que não se identifica mudança; esses casos são considerados estando em *variação estável*, e revelam como a variabilidade é inerente à língua, ao invés de ser simplesmente uma transição de um estado do sistema linguístico para o outro (Tagliamonte, 2012, p. 55).

Com base em padrões de distribuição de formas variantes recorrentes em pesquisas linguísticas ao longo do tempo, alguns fatores sociais vão condicionar o uso das formas variáveis (cf. Labov, 2001; Tagliamonte, 2012):

- indivíduos mais escolarizados costumam fazer maior uso de variantes mais formais devido ao maior contato com a cultura letrada nos bancos escolares – e mesmo fora deles;
- indivíduos mais velhos costumam fazer maior uso de variantes mais formais, normalmente, por elas serem mais antigas na língua do que as variantes mais informais;
- quanto ao sexo, as mulheres tendem a fazer maior uso de variantes mais formais, que, em geral, são as mais prestigiadas na comunidade de fala. E ainda que a mudança se dê na direção de estruturas menos formais, são elas que a lideram.

Sendo assim, estudar a diversidade linguística prevê não apenas explicar as motivações de utilização da linguagem, mas também destacar a importância do contexto social onde as pessoas que fazem uso dela estão inseridas, pois das interações sociais é que essa diversidade se dá (Le Page, 1998). À luz disso, os fatores sociais e estilísticos têm enfoque neste trabalho.

2.1. A questão estilística

A expressão “variação estilística” corresponde à alternância dos estilos adotados pelo falante em uma dada situação, devido a alguma modificação em um ou mais dos fatores que podem influenciar a troca de estilo (como mudança de tópico/assunto, de gênero textual, do grau de envolvimento emocional do falante relativamente ao que diz, entre outros) (Görski & Valle, 2014, p. 70).

Nesta discussão, destarte, três critérios terão influência na análise de variação linguística quanto à questão estilística: o nível de formalidade da situação comunicativa; os gêneros textuais; e a modalidade da língua que os indivíduos se comunicam.

Quanto à noção de formalidade, Labov propôs uma escala de estilos que tem como ponto de partida o vernáculo ou fala casual, com menor nível de formalidade, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (Labov, 2008/1972, p. 244), ou seja, o estilo que traz a manifestação mais espontânea da língua. Já o ponto de chegada dessa escala são os estilos mais formais, em que o falante tende a monitorar com mais atenção o modo como diz, e assim, há uma maior recorrência ao emprego de formas variantes prestigiadas pela comunidade.

Os usuários da língua costumam ajustar a sua fala e a sua escrita ao grau de formalidade requerido por contextos de comunicação distintos, como a familiaridade do falante com o(s) ouvinte(s); as características socioculturais dos interlocutores (idade, sexo, etnia, classe social, nível de escolaridade, profissão etc.); o tópico/assunto tratado (política, religião, família, infância, esporte, namoro, economia, lazer, etc.); o domínio em que se dá a prática social (lar, trabalho, escola, clube, igreja, bar, shopping, praia, tribunal, audiência pública, fila de banco etc.); os papéis socioculturais assumidos no momento da interação (amiga-amiga, esposa-marido, mãe-filha, patroa empregada, professora-aluna, entrevistadora-entrevistada, etc.); o maior ou menor envolvimento emocional do falante com o que diz; o gênero textual (Tavares, 2014, p. 207).

No que se refere aos gêneros textuais, eles costumam ser caracterizados especialmente em suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais. Então, ao descrevermos e analisarmos um gênero textual, não estamos tratando de uma forma linguística; ao invés, estamos abordando uma forma de



concretizar linguisticamente objetivos específicos em determinados contextos de comunicação (cf. Marcuschi, 2002; 2003). Além disso, a narrativa de experiência pessoal tende a ser um dos gêneros textuais mais marcadamente informais, pois envolve a narração de fatos emocionantes, assustadores ou ao menos interessantes pelos quais passou o próprio indivíduo que narra (cf. Labov, 2004).

A narrativa de experiência pessoal, a narrativa recontada e relato de opinião podem ser considerados gêneros textuais, enquanto a descrição de local não é um gênero textual em si, mas a aplicação da sequência textual descritiva à descrição de um lugar, o que, na prática, pode acontecer em gêneros textuais variados. O relato de procedimentos engloba um conjunto de gêneros instrucionais: alguns informantes produziram receitas culinárias, mas outros relataram diferentes tipos de procedimentos, como os envolvidos na pintura de um quadro e no tratamento da água em uma estação (Silva, 2016).

Em virtude dessas questões, nesta pesquisa, não apenas o gênero foi visto como um possível elemento influenciador da variação, mas também a modalidade da língua em que se os informantes produziram os textos. Ademais, linguistas históricos assumem que as formas inovadoras chegam à modalidade escrita da língua segundo a ordem em que apareceram na oralidade (Pintzuk, 2003). E além disso, a “linearidade nas línguas deve ser revista”, dada a complexidade inerente a cada tempo (cf. Mattos e Silva, 2008, p. 41) de utilização da língua pelos falantes.

3. Questões de investigação e hipóteses

Questão 1: No que se refere à variação estilística, em relação à distribuição da indicação de posse na 3.^a pessoa do singular SEU(A)(S) e DELE(A), a) qual variante tende a ser utilizada com maior frequência, a depender da modalidade escrita ou oral da língua; b) qual variante tende a ser utilizada com maior frequência, a depender dos gêneros/seqüências em que estão classificados?

Hipótese 1: SEU(A)(S), por seu caráter mais formal, predomina na escrita e em gêneros/seqüências textuais da esfera não narrativa, ao passo que DELE(A)(S), por seu caráter mais informal, destaca-se na oralidade e em gêneros/seqüências da esfera narrativa. Fundamenta-se esta hipótese no fato de que a modalidade oral, em contextos de interação cotidiana, é geralmente favorecedora de formas mais informais, em contraponto à modalidade escrita, mesmo quando a escrita ocorre em contextos de menor monitoramento, como nos textos escritos do *Corpus D&G*, que contrastam, por exemplo, com textos escritos dos domínios jornalístico e acadêmico, predominantes em contextos de maior monitoramento. Relativamente ao gênero/seqüência textual, estudos feitos sob a égide da sociolinguística variacionista têm mostrado que gêneros/seqüências da esfera narrativa tendem a favorecer o emprego de formas mais informais, ao passo que gêneros/seqüências da esfera não narrativa tendem a favorecer o emprego de formas mais formais (cf. Görski, Coelho & Souza, 2014; cf. Labov, 2001b, 2004).

Questão 2: Quanto à variação social, em relação à distribuição dos pronomes possessivos de 3.^a pessoa do singular SEU(A)(S) e DELE(A), a) qual variante é influenciada em maior frequência pela variável idade/escolaridade?; b) qual variante é influenciada em maior frequência pela variável sexo?

Hipótese 2: SEU(A)(S), por seu caráter mais formal, predomina entre os indivíduos de mais idade e maior escolarização e entre as mulheres, ao passo que DELE(A), por seu caráter mais informal, destaca-se entre os indivíduos de menos idade e menor escolarização e entre os homens. Esta hipótese se baseia em padrões de distribuição de formas variantes que vêm sendo encontrados por estudos variacionistas ao longo do tempo: (i) indivíduos mais escolarizados costumam fazer maior uso de variantes mais formais devido ao maior contato com a cultura letrada nos bancos escolares – e mesmo fora deles –, e (ii) indivíduos mais velhos costumam fazer maior uso de variantes mais formais normalmente por elas serem mais antigas na língua do que as variantes mais informais, e, em razão disso, predominam na fala dos indivíduos mais jovens, especialmente em situações de mudança geracional em progresso direcionadas para o aumento de uso de formas inovadoras. Quanto ao sexo, as mulheres tendem a fazer maior uso de variantes mais formais, que, em geral, são as mais prestigiadas



na comunidade de fala. Já em situações de mudança linguística em progresso, as mulheres tendem a liderar a mudança independentemente de esta se dar na direção de estruturas mais formais ou menos formais (que, em geral, ainda que não sejam estigmatizadas, são as menos prestigiadas na comunidade de fala) (cf. Labov, 2001; Tagliamonte, 2012).

Questão 3: Em Natal, na última década do século XX, o fenômeno de variação entre os pronomes possessivos de terceira pessoa do singular SEU(A)(S) e DELE(A) pode ser caracterizado como um caso de variação estável ou mudança em tempo aparente?

Hipótese 3: O fenômeno de variação entre os pronomes possessivos de terceira pessoa do singular SEU(A)(S) e DELE(A) em Natal pode ser caracterizado como um caso de mudança em tempo aparente que se reflete no maior uso da forma mais recente, DELE(A), pelos informantes mais jovens (de 18 a 20 anos), e o maior uso da forma canônica, SEU(A)(S), pelos informantes mais velhos (acima de 23 anos) (cf. Labov, 1994).

4. Procedimentos metodológicos

4.1. Descrição do corpus

O D&G Natal – *Corpus* Discurso & Gramática: A língua falada e escrita na cidade de Natal (Furtado da Cunha, 1998) é composto por entrevistas feitas com 20 informantes dessa cidade, capital do estado do Rio Grande do Norte, no nordeste do Brasil (cf. Tabela 1). A escolha desse *corpus* se justifica por se tratar de um banco de dados completo e totalmente transcrito, sob o recorte temporal do final do século XX, ao passo que os dados são estratificados homogeneamente de acordo com a idade, o nível escolaridade e o sexo:

Tabela 1. Distribuição dos informantes do *corpus* D&G Natal de acordo com as células sociais (Furtado da Cunha, 1998)

Idade	Escolaridade	Sexo
5 a 8 anos	Alfabetização Infantil	2 homens e 2 mulheres
9 a 11 anos	Ensino Fundamental I	2 homens e 2 mulheres
13 a 16 anos	Ensino Fundamental II	2 homens e 2 mulheres
18 a 20 anos	Ensino Médio	2 homens e 2 mulheres
Acima de 23 anos	Ensino Superior	2 homens e 2 mulheres

Cada informante produziu cinco textos orais e suas respectivas versões escritas. No total, o *corpus* é formado por 200 registros (100 produções orais, gravadas e transcritas), e de acordo com os seguintes gêneros textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Para esta pesquisa, no entanto, foram selecionados 40 textos orais e seus 40 textos escritos correspondentes, sendo considerados apenas o grupo de homens e mulheres dos dois mais altos níveis de escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior).

Pode-se notar que nesse *corpus* existe uma correlação estreita entre a idade e a escolaridade: classe de Alfabetização Infantil = de 5 a 8 anos; Ensino fundamental I = de 9 a 11 anos; Ensino fundamental II = de 13 a 16 anos; Ensino Médio = de 18 a 20 anos; Ensino Superior = acima de 23 anos – sempre com informantes dos anos finais desses níveis. Porém, tem-se ciência de que o formato de distribuição impede que, em caso de haver condicionamento de uso das variantes no fator idade, esteja claro que a influência não foi exercida, na verdade, pela escolaridade.

4.2. Procedimentos para a recolha de dados

Foram selecionados para esta análise 8 participantes, os quais produziram 5 gêneros textuais, por meio de entrevistas orais, e suas respectivas versões escritas. Os informantes foram orientados sobre como as entrevistas ocorreriam e prepararam previamente os tópicos que iriam abordar em relação a cada gênero textual solicitado

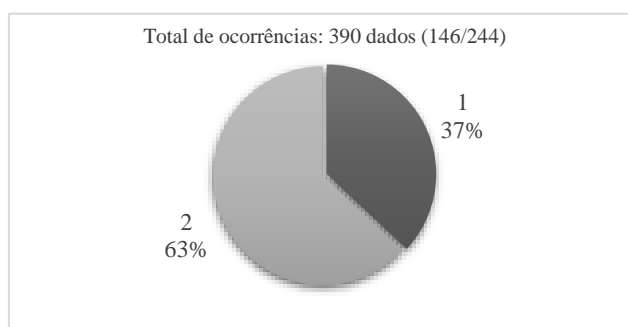


pelo entrevistador. No que se refere à versão escrita, por sua vez, a composição foi ainda mais facilitada por já haver uma versão prévia oral relatada ao entrevistador.

É fato que as versões orais das entrevistas são relativamente mais longas que as versões escritas, até porque, na versão oral, ocorre a participação do entrevistador com intervenções e constante estímulo para receber mais informações do informante (há pausas, hesitações) – e isso não acontece nas versões escritas.

Após a exclusão dos dados que não correspondiam ao objeto de estudo das formas possessiva e 3.^a pessoa do singular, foi verificado um total de 390 dados, dos quais 146 (37%) representaram o uso da variante SEU(A)(S), enquanto 244 (63%) indicaram o número de ocorrências da variante DELE(A), conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1. Percentual de ocorrências de SEU(A)(S) E DELE(A) no D&G Natal



Com o auxílio do Programa Estatístico Goldvarb X (cf. Sankoff et al., 2005), o qual fornece frequências e pesos relativos referentes a cada contexto de uso das variantes, averiguou-se a influência de cada um dos fatores controlados sobre o uso de cada uma das formas variantes. Ademais, o Goldvarb X apresenta a ordem de significância dos grupos de fatores controlados, ao mostrar quais desses grupos são mais relevantes.

Os grupos de fatores foram selecionados na seguinte ordem de relevância: em primeiro lugar, a modalidade da língua; em segundo lugar, o gênero textual; em terceiro lugar, a idade/escolaridade; e, em quarto e último lugar, o sexo.

O peso relativo (P.R.), oferecido pelo programa, é uma medida multidimensional derivada do controle simultâneo de vários grupos de fatores condicionadores da variação linguística. Em uma análise multivariada, assim, como a efetuada pelo Programa Estatístico Goldvarb X, “cada efeito de um fator na análise é calculado enquanto são controlados, até o máximo possível, os outros fatores” (Guy & Zilles, 2007, p. 100). O peso relativo varia entre 0.000 a 1.000. Quanto mais próximo de 0.000, menos influente é o fator que o recebeu; quanto mais próximo de 1.000, mais influente é o fator que o recebeu. Um peso que gira em torno de 0.500 tende a ser indiferente.

5. Análise dos dados

A divisão para a análise se deu em dois grupos de natureza estilística (modalidade da língua e gênero/sequência textual) e dois grupos de natureza social (idade/escolaridade e sexo).

5.1. Influência da modalidade da língua

Há ocorrências de SEU(A)(S) e DELE(A) tanto na modalidade oral da língua, quanto na escrita:

- (6) eu posso até dizer assim ... é como se ele visse ... ele olhasse pra um lado ... olhasse pra outro e visse tá aqui a solu/ a solução ... tá nas minhas mãos ... a solução do país tá nas minhas mãos



... a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos ... mas ele tem medo de enfrentar ... de encarar a realidade ... de pegar o **seu** direito de voto e dizer assim ... “eu vou usar essa arma” ... (Informante 3, oralidade, feminino, relato de opinião).

- (7) o coitado também sofre demais ... sete anos que ele trabalha lá ... sete nada ... sete faz uma sobrinha **dele** ... faz doze anos que trabalha com ele ... (Informante 7, oralidade, feminino, relato de procedimento).
- (8) A mãe que já estava se tornando amiga da freira, convocou todas do convento e ela entraram na galeria conseguindo enganar o traficante e **seus** capangas, a polícia então conseguiu matá-los. (Informante 8, escrita, feminino, narrativa recontada).
- (9) Quando foi à noite foi dormir pensando e no meio da noite acordou assustado com uma voz repetindo a mesma frase, abriu os olhos e lá estava aquele menino que havia morrido nos braços **dele**, na porta do quarto. Foi dormir de novo e quando acordou ficou pensando e saiu para trabalhar. (Informante 1, escrita, masculino, narrativa recontada).

A proximidade entre os textos orais e escritos (uma vez que foram produzidos pelos mesmos indivíduos), permite fazer inferências sobre os resultados obtidos, a respeito da influência da modalidade da língua, com maior confiança. Os resultados obtidos estão expostos na Tabela 2.

Tabela 2. Influência da modalidade da língua sobre o uso de SEU(A)(S) E DELE(A)

MODALIDADE DA LÍNGUA	SEU(A)(S)			DELE(A)		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
Oralidade	38/274	14	0.148	236/274	86	0.852
Escrita	108/116	93	0.984	8/116	7	0.016
TOTAL	146/390	37	----	244/390	63	----
	Input: 0.374 Sig: 0.000			Input: 0.626 Sig: 0.000		

A hipótese de que os informantes fariam maior uso da variante mais formal SEU(S)(A) na escrita foi confirmada: houve largo favorecimento do uso de DELE(A) na modalidade oral da língua (com frequência de 86% e P.R. de 0.852) e um intenso desfavorecimento na escrita (com frequência de 7% e P.R. de 0.016). Em contraponto, SEU(A)(S) tem sua utilização bastante favorecida na modalidade escrita da língua (com frequência de 93% e P.R. de 0.984) e pouca presença na modalidade oral (com frequência de 14% e P.R. de 0.148). Infere-se, portanto, que na comunidade de fala de Natal/RN, no final do século XX, possivelmente havia forte especialização de DELE(A) na modalidade oral da língua, ao lado de uma forte especialização de SEU(A)(S) para a modalidade escrita da língua.

Outros trabalhos atestaram resultados similares desse fenômeno de variação, a exemplo de Sbalqueiro (2005), que observou uma grande diferença na proporção de ocorrência dos possessivos em narrativas escritas produzidas por alunos do Ensino Fundamental de Florianópolis: de um total de 637 ocorrências, 575 foram de SEU(A)(S) (90%) e 62 (10%) de DELE(A). E também Rocha (2009), que em um *corpus* oral de Minas Gerais, obteve, de um total de 329 dados na 3.^a terceira pessoa do singular, 257 dados (78%) da forma DELE(A) e 72 (21%) da forma SEU(A)(S). Ambos indicam a predominância da forma DELE em textos orais.

5.2. A influência do gênero/sequência textual

A narrativa de experiência pessoal é um relato no qual o informante conta um ou mais fatos alegres ou tristes que se passaram em determinado tempo e lugar, envolvendo a si mesmo e a outros indivíduos, com grande presença de verbos no pretérito perfeito:



- (10) Fiquei sabendo que ela era filha de imigrantes alemães e **seus** pais moravam no campo. Ela, como a maioria dos jovens de **suas** redondezas, trabalhava numa cidade maior, Novo Hamburgo. (Informante 4, escrita, masculino).
- (11) foram chamar Vilma ... lá vem Vilma super preocupada ... “o que aconteceu ... o que aconteceu? vamos chamar meu pai” ... e telefonou pro pai **dela** ... se a gente saiu ... não ... “a gente vai andando devagar .. porque o pai da menina trabalha logo do outro lado” ... aí ... e o diretor me olhava assim ... ele sabia que eu tava mentindo ... (Informante 2, oralidade, feminino).

A narrativa recontada (narrativa vicária) se trata de uma narração de um ou mais fatos acontecidos com alguém, mas não testemunhados pelo informante, a qual pode envolver fatos reais ou ficcionais (romances, filmes, novelas etc.).

- (12) Certo dia o homem ficou só em casa e a mulher **dele** e os filhos saíram para a cidade, o gato foi encontrado morto na beira da estrada, sujo, mais sem ferimentos nenhum,⁵ o homem pegou o gato e enterrou no cemitério. (Informante 1, escrita, masculino).
- (13) a ocupação pegava transeuntes e levava pra confinamento ... né ... pra aquela prisão ... e chegando lá ... eles saíam é ... eliminando determinados indivíduos ... nesse dia ... esse advogado estava chegando ao **seu** escritório quando foi pego por essa ... pela ocupação ... né ... chegando lá nesse ... na cela ... (Informante 2, oralidade, feminino).

O relato de procedimento se refere à descrição das etapas necessárias à realização de alguma tarefa ou processo, geralmente de conhecimento do informante, caracterizando-se por apresentar ordem cronológica e voltar-se para ações.

- (14) I: a gente bota no ... leva ao fogo ... a mesma quantidade de leite ... açúcar ... e maisena ... sabe? aí prepara o mingau ... e no caso de flocos ... passa no liquidificador com claras ... tem o de creme que passa com creme de leite ... o de ameixa que no caso no fogo bota ... a calda de ameixa né ... no mingau ... prepara ... pronto basicamente é essa a receita ...
E: você costuma fazer de quê?
I: de ... morango ... morango e ... é ... é o que eu costumo fazer mais ... até quando eu tinha a essência **dele** ... geralmente de frutas ... natural ... (Informante 8, oralidade, feminino – onde, I: informante, e E: entrevistador).
- (15) Um trabalho monocromático pode, por exemplo, recorrer ao uso do grafite ou do nanquim. Este tipo de trabalho, como podemos imaginar, necessita somente de um bom papel, de preferência um de textura média ou correspondente, onde o grafite ou o nanquim deslizem sobre **sua** superfície sem muita alteração da **sua** trama. (Informante 4, escrita, masculino).

Já na descrição de local, o informante apresenta características detalhadas de um lugar em que aprecie estar, e tende a haver presença de adjetivos:

⁵ Os trechos foram retirados do *corpus* tal e qual os informantes escreveram.



- (16) cidade do interior ... tem um galinheiro próximo ... né ... onde meu tio-avô que gosta de criar galinha ... de ter **sua** criação de galinha ... meu ... meu ... o filho **dele** cria pássaros ... né ... gosta também ... e ... é basicamente isso ... tem ... fica numa estradazinha de barro ... né ... e ... é uma casa meio isolada da ... do centro da ... da cidade ... né ... e fica próxima ao pé da serra (Informante 6, oralidade, masculino).
- (17) Falésias de um colorido espetacular que variam do amarelo acre ao terra avermelhado. Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até o **seu** topo. Qual não foi a nossa surpresa quando olhamos para baixo e encontramos um bosque de árvores muito altas, algumas sem folhas. (Informante 4, escrita, masculino).

E no relato de opinião, o informante tece considerações a respeito de determinado assunto, manifestando sua opinião sobre ele:

- (18) por exemplo ... uma Assembleia de Deus totalmente restrita ... que corta assim ... todas as asas do indivíduo pensante ... sabe a religião da Assembleia de Deus ... principalmente ... ela não deixa o indivíduo raciocinar ... ela lhe joga aquele pensamento **dela** e você não:: você apenas aceita ... sem fazer questionamentos... (Informante 2, oralidade, feminino).
- (19) No assassinato de Daniela, eu fiquei horrorizada quando fiquei sabendo, logo porque, o principal suspeito era o **seu** companheiro de trabalho que contracenava com ela, na novela de corpo e alma. (Informante 7, escrita, feminino).

Eis os resultados dessa análise na Tabela 3.

Tabela 3. Influência do gênero/sequência textual sobre o uso de SEU(A)(S) E DELE(A)

GÊNERO TEXTUAL	SEU(A)(S)			DELE(A)		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
Narrativa de experiência pessoal	13/39	33	0.435	26/39	67	0.565
Narrativa recontada	75/249	30	0.334	174/249	70	0.666
Relato de procedimentos	07/15	47	0.765	08/15	53	0.235
Descrição de local	08/31	26	0.790	23/31	74	0.210
Relato de opinião	43/56	77	0.901	13/56	23	0.099
TOTAL	146/390	37	----	244/390	63	----
	Input: 0.374 Sig: 0.000			Input: 0.626 Sig: 0.000		

E a hipótese de que os informantes fariam uso maior uso de SEU(S)(A) em gêneros/sequências textuais não narrativos foi confirmada: DELE(A) predominou nos textos de gêneros/sequências narrativos: narrativa de experiência pessoal e narrativa recontada (com frequências de 67% e 70% e P.R. de 0.565 e 0.666, respectivamente) e não recebeu destaque nos textos de gêneros/sequências não narrativos: relato de procedimentos (com frequência de 53% e P.R. de 0.235), descrição de local (com frequência de 74%, mas P.R. 0.210) e relato de opinião (com frequência de 23% e P.R. 0.099).

É importante notar que ambas as formas tiveram seu maior número de ocorrências nos textos do gênero narrativa recontada: SEU(A)(S) contou com 75 ocorrências, e DELE(A) contou com 174 ocorrências, pois, nesse gênero, o falante relata uma história que se passou com outra pessoa, ou seja, as “narrativas de experiência vicária são apresentadas em terceira pessoa (*ele, ela, eles, elas*) em contraste com a primeira pessoa *eu* característica das histórias de experiência pessoal” (Norrick, 2013, p. 385). Nesse tipo de gênero textual, pois,



em consonância com a centração no sujeito de terceira pessoa, as formas possessivas mais frequentes tendem a ser as de terceira pessoa.

5.3. A influência do grupo de fator idade/escolaridade

No D&G, o grupo de fator idade está diretamente relacionado à escolaridade, e embora esteja estratificado em todos diferentes níveis, foram selecionados apenas os informantes de maior idade/escolaridade, uma vez que os outros grupos apresentaram mínima ou nenhuma ocorrência da forma simples SEU ou flexões. Talvez isso se deva ao fato de que esses indivíduos, em especial os adolescentes e os pré-adolescentes, tendem a ser os mais inovadores em uma comunidade de fala (cf. Labov, 2001). Além disso, os indivíduos mais escolarizados podem sofrer pressão do mercado de trabalho para a utilização de formas prestigiadas da língua.

Seguem exemplos de ocorrências de SEU(A)(S) e DELE(A) encontradas na fala e na escrita de informantes dos dois níveis de escolaridade e das duas faixas etárias aqui levadas em conta, seguidos, da Tabela 4, com as ocorrências verificadas:

- (20) O Ricardo consegue ver a letra de Isabel quando ela, num ato de desespero total, tenta um suicídio e deixa um bilhete para Ricardo. Como ele já tinha acabado o namoro fica louco e corre para salvar Isabel, depois de ter comparado a letra da carta e das poesias. Ele se declara para ela, já recuperada, e ela também confessa **sua** paixão por ele e finalmente acabam juntos. (Informante 2, escrita, masculino, narrativa recontada – Ensino Médio).
- (21) então ... ali tinha uma árvore muito bonita ... uma árvore antiga que hoje em dia só existe ... pedacinhos **dela** ... porque ela foi corroída pelo tempo ... e eu acho que deu cupim rápido [...] rapaz que pássaro lindo ... ele cantou um canto ... que me parecia um lamento ou sei lá um ... uma alerta à natureza de que ele ... de que ele tava sendo ameaçado na sua vida, no seu processo de sobrevivência ... eu parei a minha corrida e pedi desculpas a ele por todos nós. (Informante 4, oralidade, masculino, descrição de local – Ensino Superior).

Tabela 4. Influência da idade/escolaridade sobre o uso de SEU(A)(S) E DELE(A)

IDADE/ESCOLARIDADE	SEU(A)(S)			DELE(A)		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
18 a 20 anos/Ensino Médio	45/197	23	0.240	152/197	77	0.760
+ de 23 anos/Ensino Superior	101/390	52	0.764	92/193	48	0.236
TOTAL	146/390	37	----	244/390	63	----
	Input: 0.374 Sig: 0.000			Input: 0.626 Sig: 0.000		

A hipótese de que os informantes de 18 a 20 anos e do Ensino Médio fariam maior uso de DELE(A) por ser a variante mais recente e marcada estilisticamente como informal foi confirmada com ressalvas. Isso porque esse grupo está enviesado no D&G, ou seja, idade e escolaridade são controladas em conjunto, o que significa que os resultados obtidos podem se dever mais à influência de um desses fatores do que do outro.

No entanto, conforme o esperado, há mais ocorrências de DELE(A), enquanto forma mais recente e menos formal, entre os informantes mais jovens e menos escolarizados (com frequência de 77% e P.R. de 0.760), e menos ocorrências entre os informantes mais velhos e mais escolarizados (com frequência de 48% e P.R. de 0.236).

Pessoas menos escolarizadas costumam utilizar com mais frequência variantes estigmatizadas ou avaliadas como informais pela comunidade de fala, enquanto as mais escolarizadas tendem a utilizar com mais frequência variantes tidas como de prestígio. (Labov (2001). Porém, quanto à idade, os resultados parecem



diagnosticar mudança em progresso, visto que os informantes mais jovens recorrem mais a DELE(A) para a indicação de posse de terceira pessoa do singular.

A exemplo de estudos que resultaram em constatações semelhantes, tem-se o trabalho de Silva (1991), com base em dados orais do NURC⁶ do Rio de Janeiro e do Competência Básica (MOBRAL), e do Rio de Janeiro, houve bastante influência da escolaridade sobre a utilização de SEU(A)(S): Ensino Superior (45,8%, P.R. .88) > Ensino Médio (14,2%, P.R. .59) > Ensino Fundamental I (5,7%, P.R. .34) > Ensino Fundamental I > Alfabetizando (3,9%, P.R. .26). No estudo de Soares (1999), DELE(A) foi favorecido pelos informantes de até 50 anos (com frequência de 95% e P.R. de .55) e SEU(A)(S) pelos informantes de mais de 50 anos (com frequência de 10% e P.R. de .57), em textos orais do Paraná. E Sbalqueiro (2005) utilizou como fonte de dados textos narrativos escritos produzidos por alunos das quatro últimas séries do Ensino Fundamental, nos quais a variante de maior frequência foi SEU(A)(S), que representou 90% dos dados. Constatam, esses trabalhos, a predominância da forma DELE em produções realizadas por informantes de menor idade/escolaridade.

5.4. Influência do sexo dos informantes

Seguem exemplos de ocorrências de SEU(A)(S) e DELE(A) encontradas na fala e na escrita de informantes dos dois sexos controlados no D&G:

- (22) O professor era simplesmente louco, louco, daquele de jogar pedra na lua, aí um dia eu não tava muito afim de assistir aula **dele**. (Informante 2, escrita, feminino, narrativa de experiência pessoal).
- (23) eu muito encabulado ... meu Deus ... o que que essa garota pode pensar ... se a minha mão deslizar ... e cair sobre **sua** perna? [...] Mas enquanto eu pensava isso a cabeça **dela** já derreava no meu ombro e o braço **dela** já passava no meu pescoço (Informante 4, oralidade, masculino, narrativa de experiência pessoal).

A Tabela 5 aponta os resultados obtidos:

Tabela 5. Influência do sexo sobre o uso de SEU(A)(S) E DELE(A)

SEXO	SEU(A)(S)			DELE(A)		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
Feminino	92/225	41	0.665	133/225	59	0.335
Masculino	54/165	33	0.282	111/165	67	0.718
TOTAL	146/390	37	----	244/390	63	----
	Input:0.374 Sig: 0.000			Input:0.626 Sig: 0.000		

A hipótese de que a forma DELE(A), por seu caráter mais informal e menos prestigiado, fosse condicionada positivamente entre os homens não foi confirmada: observa-se que os homens se inclinam ao uso de DELE(A) (com frequência de 67% e P.R. de 0.718) e não ao uso de SEU(A)(S) (com frequência de 33% e P.R. de 0.282). Em contraste, as mulheres tendem a privilegiar SEU(A)(S) (com frequência de 41% e P.R. de 0.665) em detrimento de DELE(A), que, embora tenha alcançado frequência de 59% entre as mulheres, recebeu peso relativo de 0.335.

Tais resultados poderiam ser tomados como diagnósticos de uma situação de *variação estável*, em conformidade com a generalização sociolinguística que prevê que, nesse tipo de situação, as mulheres tendem

⁶ O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) organizou um banco de dados de fala culta do português brasileiro através de gravações realizadas na década de 1970, em cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e Porto Alegre.



a optar com mais frequência pelas variantes melhor conceituadas na comunidade. Porém, na análise referente aos resultados obtidos para o grupo de fatores idade/escolaridade, verificou-se que os informantes mais jovens fizeram maior uso de DELE(A) e os informantes mais velhos fizeram maior uso de SEU(A)(S). Uma vez que podemos interpretar essa distribuição das variantes como passível de ser um reflexo de *mudança em progresso*, poderíamos considerar os resultados tangentes ao grupo de fatores sexo como indicadores de mudança em progresso liderada por homens.

Se uma mudança estivesse em progresso na direção de um aumento do uso de DELE(A), por sua vez, ela estaria sendo liderada pelos homens. Entretanto, mudanças linguísticas capitaneadas por homens são pouco frequentes, pois as mulheres lideram 90% das inovações da língua onde quer que elas tenham origem (Tagliamonte, 2012, p. 63). Já de acordo com a generalização sociolinguística relativa a situações de variação estável, os homens, em tais situações, utilizam uma frequência maior de formas estigmatizadas ou marcadamente informais do que as mulheres, que tendem a preferir formas socialmente valorizadas (cf. Labov, 1990; Chambers, 1995).

Quanto aos já mencionados trabalhos semelhantes a este, tem-se Silva (1991), onde a taxa de ocorrência da variante DELE(A) foi maior entre os homens (19,6%) e a taxa de ocorrência da variante SEU(A)(S) foi maior entre as mulheres (8,9%); Soares (1999), onde os homens favoreceram o aparecimento de SEU(A)(S) (com frequência de 10% e P.R. de .60), e as mulheres favoreceram o aparecimento de DELE(A) (com frequência de 95% e P.R. de .57); e Sbalqueiro (2005), que observou DELE(A), sendo mais frequente entre os homens (com frequência de 13% e P.R. de .62), em comparação às mulheres (com frequência de 7 % e P.R. de .41). Assim, o favorecimento de DELE alterna em preferência entre homens e mulheres e isso indica que o fator sexo não é um forte condicionante da variação dos possessivos de 3.^a pessoa.

Logo, neste estudo os grupos de fatores de natureza estilística (modalidade da língua e gênero/sequência textual) foram os mais significativos para a variação entre SEU(A)(S) e DELE(A), em detrimento dos grupos de fatores de natureza social (idade/escolaridade e sexo). E por isso, no que diz respeito à comunidade de fala de Natal, a variação das formas possessivas em 3.^a pessoa indica um fenômeno de ordem principalmente estilística e minoritariamente de ordem social.

6. Considerações finais

No *Corpus D&G Natal*, elaborado no final do século XX, foi possível verificar um maior número de ocorrências da forma DELE(A)(S), na **oralidade**, em gêneros/sequências de esfera **narrativa**, entre indivíduos de **menor idade/menos escolarizados**, e entre os **homens**. E de acordo com as generalizações sociolinguísticas, apresentadas na seção relativa ao enquadramento teórico-metodológico, a variação dos possessivos sofre forte influência dos aspectos extralinguísticos, sobretudo, estilísticos.

As hipóteses confirmadas foram:

1: A variante canônica SEU(A)(S), de caráter mais formal, ocorre em maior frequência em textos na modalidade escrita da língua, assim como em gêneros textuais de esfera não narrativa, em detrimento da variante preposicionada DELE(A)(S), de caráter mais informal, que se destaca em textos de modalidade oral da língua e em gêneros/sequências de esfera narrativa.

2: A variante mais formal SEU(A)(S) predomina na oralidade dos indivíduos mais escolarizados/de maior idade e entre as mulheres, enquanto a variante DELE(A)(S), tida como mais informal, destaca-se nos textos orais dos indivíduos menos escolarizados/de menor idade e entre os homens.

Já a hipótese não confirmada foi:



3: Em Natal, na última década do século XX, o fenômeno de variação entre os pronomes possessivos de terceira pessoa do singular SEU(A)(S) e DELE(A) pode ser caracterizado como um caso de mudança em tempo aparente que se reflete no maior uso da forma mais recente, DELE(A), pelos informantes mais jovens (de 18 a 20 anos), e o maior uso da forma mais antiga, SEU(A)(S), pelos informantes mais velhos (acima de 23 anos).

Os dados referentes à influência da modalidade da língua indicam que a variação entre os possessivos de terceira pessoa do singular se trata de uma *variação estável*. Todavia, a análise poderia indicar *mudança em progresso*, pois há favorecimento da forma DELE(A)(S) entre os mais jovens, se esse grupo não estivesse “enviesado” pelo fator escolarização. Além disso, não é comum que *mudança em progresso* seja liderada por homens. Logo, para concluir isto de forma mais robusta, é necessária a expansão do *corpus*.

Vale destacar que, o número de ocorrências da forma simples SEU(S) entre os informantes de baixa idade/escolaridade foi mínimo ou nulo (razão pela qual não apareceram na rodagem dos dados: na tentativa de não enviesar ainda mais as relações entre os grupos de fatores), e isso também pode ser um indicativo de que o desaparecimento da forma canônica entre os mais jovens estivesse em curso.

Por fim, ao contrastar textos de mesmo gênero textual em suas versões orais e escritas, observou-se, que na escrita, o possessivo SEU pode corresponder a diferentes pronomes pessoais (você, ele, vocês, eles), e nem sempre o uso da forma perifrástica *de+ele* corresponderá a alcançar maior especificação ou desfazer ambiguidade, porque, por mais que em alguns casos haja emprego preferencial de uma das variantes, em vários casos a utilização de uma ou de outra dessas formas parece ser indiferente (Neves, 2002).

Referências

- Almeida, Adriana B. (1993) *Pronomes possessivos de 3ª pessoa no português falado de São Paulo*. [Manuscrito não publicado]
- Bailey, Guy (2004) Real and apparent time. In Jack Chambers, Peter Trudgill & Natalie Shilling Estes (eds.), *The handbook of language variation and change*. Blackwell. pp. 312–332.
- Castro, Ana (2006) *On possessives in Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Cerqueira, Vicente Cruz (1996) A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro. In Ian Roberts e Maria Kato (orgs.), *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica* (2.ª ed.). Editora da UNICAMP, pp. 129–161.
- Chambers, Jack (1995) *Sociolinguistic theory: Linguistic variation and its social significance*. Blackwell.
- Cunha, Patrícia (2007) *Possessivos de terceira pessoa na língua portuguesa nos séculos XIII e XIV*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Furtado da Cunha, Maria Angélica (1998) (org.) *Corpus Discurso & Gramática: A língua falada e escrita na cidade do Natal*. EDUFRRN.
- Görski, Edair Maria, Izete Lehmkuhl Coelho & Christiane Souza (orgs.) (2014) *Variação estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Insular.
- Guy, Gregory & Ana Zilles (2007) *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. Parábola Editorial.
- Hopper, Paul & Elizabeth Traugott (2003) *Grammaticalization* (2.ª ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165525>
- Kato, Maria (1985) A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: Réplica a Perini. *DELTA* 1 (1/2), pp. 107–120.
- Kato, Maria (1994) Raízes não-finitas na criança e a construção do sujeito. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 29, 119–136.
- Labov, William (1990) The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change* 2, pp. 205–254. <https://doi.org/10.1017/S0954394500000338>
- Labov, William (1994) *Principles of linguistic change: Internal factors*. Blackwell.
- Labov, William (2001) *Principles of linguistic change: Social factors*. Blackwell.



- Labov, William (2001b) The anatomy of style-shifting. In Penelope Eckert & John R. Rickford (eds.), *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge University Press, pp. 85–108.
- Labov, William (2004) Ordinary events. In Carmen Fought (ed.), *Sociolinguistic variation: Critical reflections*. Oxford University Press, pp. 31–43.
- Labov, William (2008) *Padrões sociolinguísticos* (Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira, Trads). Parábola. [primeira edição em 1972]
- Le Page, Robert (1998) The evolution of a sociolinguistic theory of language. In Florian Coulmas (ed.), *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell Publishing, pp. 13–32.
- Lopes, Célia & Dailane Guedes (2020) Formas possessivas de terceira pessoa: Confrontando seu e dele a partir da abordagem experimental. *Confluência* (58), pp. 82–105. <https://doi.org/10.18364/rc.v1i58.353>
- Marcotulio, Leonardo, Dalila de Assis & Rafaela Guedes (2015) De-possessivos de 2ª pessoa na história do português brasileiro. *Diacrítica*, pp. 203–232.
- Marcuschi, Luiz (2002) Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In Angela Dionísio, Anna Machado & Maria Bezerra (orgs.), *Gêneros textuais e ensino*. Lucerna, pp. 19–36.
- Marcuschi, Luiz (2003) *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização* (4.ª ed.). Cortez.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (2008) Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da língua(s). *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, pp. 39–53.
- Menon, Odete (1995) O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, 44, pp. 91–106. <https://doi.org/10.5380/rel.v44i0.19069>
- Menuzzi Sergio (2003a) Sobre as opções anafóricas para antecedentes genéricos e para variáveis ligadas: Comentários a Ana Müller. *Letras de Hoje*, 38 (1), 125–144.
- Menuzzi Sergio (2003b) Escopo e “varáveis ligadas típicas” do português brasileiro. *Revista Letras* 61, p. 213–248. <https://doi.org/10.5380/rel.v61i0.2888>
- Morais, Maria (2019) Possessivos de terceira pessoa no flos sanctorum e no português brasileiro contemporâneo. *História, Histórias*, 7 (4), pp. 59–86. <https://doi.org/10.26512/hh.v7i14.26600>
- Müller, Ana Lúcia (1997) *A gramática das formas possessivas no português do Brasil*. Tese de doutorado, UNICAMP.
- Negrão, Esmeralda & Ana Lúcia Müller (1996) As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de forma? *DELTA*, 12 (1), pp. 153–171.
- Neves, Maria Helena (2002) Possessivos. In Ataliba Castilho (org.), *Gramática do português falado* (Vol. 3). Editora da UNICAMP, pp. 149–211.
- Coelho, Olga (2020) 50 anos do GEL: Caminhos da linguística no Brasil. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)* 49 (1), pp. 22–35. <https://doi.org/10.21165/el.v49i1.2508>
- Perini, Mário (1985) O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA* 1 (1/2), pp.1–15.
- Perini, Mário (2010) *Gramática do português brasileiro*. Parábola.
- Pintzuk, Susan (2003) Variationist approaches to syntactic change. In Brian Johnson & Richard Janda (eds.), *The handbook of historical linguistics*. Blackwell, pp. 509–528.
- Rocha, Fernanda (2009) *A alternância dos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Sankoff, David, Sali A. Tagliamonte & Eric Smith (2005) *Golvarb X: A multivariate analysis application*. Department of Linguistics.
- Sbalqueiro, Arnaldo (2005) *A variação dos pronomes possessivos de 2ª e 3ª pessoas em redações dos alunos de uma escola pública de Curitiba*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira (1982) Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira (1984) Variação no sistema possessivo de terceira pessoa. *Tempo Brasileiro* 78/79, pp. 54–72.



- Silva, Giselle Machline de Oliveira (1991) Um caso de definitude. *Organon* 19, pp. 90–108.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira (1998a) Os estereótipos da forma seu de terceira pessoa na língua oral. In: Giselle Silva & Marta Scherre (orgs.), *Padrões sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do oortuguês falado na cidade do Rio de Janeiro*. . Tempo Brasileiro, pp. 169–182.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira (1998b) Estereótipos da forma seu de terceira pessoa na língua oral: Resultados sociais. In Giselle Silva & Marta Scherre (orgs.), *Padrões sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do oortuguês falado na cidade do Rio de Janeiro*. Tempo Brasileiro, pp. 295–308.
- Silva, Mariana Lorena (2016) *Varição dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu(a)(s)/dele(a) em Natal-RN: Aspectos sociais e estilísticos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Soares, Alexandre (1999) *Segunda e terceira pessoa: O possessivo em questão – Uma análise variacionista*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná.
- Tagliamonte, Sali A. (2006) *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge University Press.
- Tagliamonte, Sali A. (2012) *Variationist sociolinguistics: Change, observation, interpretation*. Wiley-Blackweel.
- Tavares, Maria Alice (2014) Variação estilística e gênero textual: O caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolingüística. In Christiane Souza, Edair Maria Gorski & Izete Lehmkuhl Coelho (orgs.), *Varição estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Insular, pp. 203–223.

